

# V ENECULT

QUINTO ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA

V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura  
27 a 29 de maio de 2009  
Faculdade de Comunicação/UFBa, Salvador-Bahia-Brasil.

## ÁFRICA COMO NOTÍCIA

Astréia Soares<sup>1</sup>  
Luiz Henrique Barbosa  
Vanessa de Carvalho

**Resumo:** O trabalho discute o tratamento que a mídia brasileira dá aos países africanos de língua portuguesa, ao definirem o que é ou deixa de ser notícia na cobertura destes países, e relata as imagens de África que a mídia faz circular entre nós. A pesquisa, feita em dois anos de edições do Jornal Folha de S. Paulo, permitiu construir categorias das abordagens que se faz daquele continente e analisar possíveis condicionantes de um discurso que entendemos como superficial e generalista sobre aqueles países.

Palavras-chave: Mídia, África, Representação, Valor- Notícia

Neste trabalho perguntamos, principalmente, sobre o diálogo que se estabelece entre mídia e sociedade na construção de representações de África no Brasil. Pensamos ser uma discussão pertinente, em primeiro lugar, pelo contexto geral no qual está inserida, ou seja, é recorrente no cenário brasileiro declarações a respeito da necessidade de se estabelecer maior integração com os países africanos, notadamente os de língua portuguesa, quer seja pelo interesse governamental, ou pelo reconhecimento de nossas afinidades históricas étnicas e culturais . Este pretendido interesse passa, portanto, por questões políticas, econômicas, culturais e científicas.

Esta pesquisa é parte de um projeto maior de análise das imagens de África na mídia brasileira, que investigou o comportamento editorial sobre os países africanos de língua portuguesa Angola, Cabo Verde, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe, de julho de 2006 a julho de 2008, em diferentes veículos: Rede Globo, canal Futura, Portais Terra e G1, Revista Veja e jornal Folha de S. Paulo.

Nossa discussão baseou-se na hipótese de que o conhecimento sobre África em circulação na sociedade brasileira é ainda superficial, apesar da história do país ter se irmanado com a história dos países africanos de língua portuguesa desde o período colonial. Sendo assim, o desenvolvimento de pesquisas sistemáticas neste campo não significa apenas ampliar este conhecimento, mas também oferecer elementos essenciais

---

<sup>1</sup> Astréia Soares <astreiasoares@uol.com.br> Universidade Fumec; Luiz Henrique Barbosa <barbosaluiz2006@ig.com.br> Universidade Fumec; Vanessa de Carvalho <vanessacarvalho2000@yahoo.com.br> Universidade Fumec.

para a maior compreensão da cultura negra, especialmente no Brasil. No âmbito da política externa brasileira, por exemplo, passamos a ver divulgadas declarações sobre um suposto reconhecimento de um dever de cooperação com os países africanos de onde vieram ancestrais da nossa população mestiça.

Entretanto, ao que se pôde observar com a pesquisa, a cobertura atual da mídia brasileira sobre o tema não segue na mesma direção da mencionada aproximação histórica, étnica, cultural ou de interesses políticos ou comerciais entre o Brasil e os países africanos, nem da política externa brasileira formalmente estabelecida. Nossas investigações nos levaram a perceber que a África é representada na mídia, em primeiro lugar, apenas como uma denominação geográfica, um continente homogêneo, “A África”, dando-se pouca atenção às especificidades étnicas, sociais, culturais e políticas dos seus países ou ainda, como se essas especificidades não existissem. Além disto, observamos que há a predominância de duas imagens mais recorrentes de África que são, de um lado, o lugar do exotismo cultural e, de outro, da fome, da miséria e das estatísticas trágicas; aspectos que dificilmente podem ser considerados como positivos. Na visão de Mia Couto, escritor moçambicano (2005, p. 78),

infelizmente a imagem de África já está construída e sedimentada por muito preconceito e muita ignorância. Nos ciclos de namoro e abandono, o continente negro é hoje um lugar que suscita pessimismo. Os que decidem sobre os destinos globais estão tentados a desistir de África.

Desta forma, quando os países africanos são apresentados aos brasileiros de maneira reducionista e simplificada, pode-se estar contribuindo para um fenômeno que se convencionou chamar no cenário internacional de “afro-pessimismo”. O risco de compartilharmos tal imagem de África é o de, em primeiro lugar, permitir a conclusão de que os povos africanos e seus descendentes no Brasil não teriam qualquer contribuição relevante a dar ao mundo ou à nossa sociedade. As representações de África e dos países africanos presentes na mídia brasileira deixam transparecer os diferentes tipos de coações, preconceitos e ideologias que as compõem, muitas vezes meramente reproduzindo um discurso com sotaque imperialista, resquício do colonialismo europeu que chega até nós sem filtro, através das agências de notícias, ou seja, “um retrato feito por empréstimo” (COUTO, 2005, p.11).

O conceito de representação nas ciências sociais (DURKHEIM, 1989; GOFFMAN, 1985; GEERTZ, 2000, dentre outros), resguardadas as diferentes

abordagens, refere-se a um conjunto de idéias e valores de uma sociedade sobre si mesma e do mundo ao seu redor, que a sociologia interpreta como realidades autônomas, independentes das representações mentais (individuais) e mais estáveis que estas. Por sua estabilidade, são as representações coletivas e não as individuais que dão origem aos conceitos e vocabulários de uma sociedade ou grupo social, quer sejam sobre a organização simbólica do espaço, do corpo, do cosmos, etc.

Admitindo que essas representações não são destituídas de conteúdo ideológico, somos levados a pensar que os critérios de noticiabilidade adotados na mídia na cobertura das matérias sobre os países africanos também não o são. Por noticiabilidade, entendemos a importância que assumem determinados acontecimentos frente a outros que os fazem serem avaliados por profissionais como necessários à constituição da rotina jornalística da produção de notícias ou, conforme definição de Wolf (2003, p. 196), como

um conjunto de critérios, operações e instrumentos com os quais os aparatos de informação enfrentam a tarefa de escolher cotidianamente, de um número imprevisível e indefinido de acontecimentos, uma quantidade finita e tendencialmente estável de notícias.

Os procedimentos desta referida rotina jornalística nos permite identificar os lugares de onde falam os produtores de notícias sobre África, a ideologia que os sustentam e seus processos na construção de um discurso amplamente significativo. “Produto da interação social, ela [a palavra] se caracteriza pela pluralidade. Por isso é lugar privilegiado para manifestação da ideologia; retrata as diferentes formas de significar a realidade, segundo vozes e pontos de vista daqueles que a empregam” (BRANDÃO, 2004, p. 9). Os elementos deste discurso, por seu turno, fazem parte da composição das notícias e, como consequência, da construção social de “uma realidade” sobre África que pode vir a ser a principal referência do leitor brasileiro. Para Berger e Luckmann (1985), as pessoas comuns não se empenham a produzir visão de mundo, mas participam do conhecimento produzido sobre ele.

Em nossa época, os meios de comunicação são atores importantes, responsáveis pela construção de imagens que eles mesmos tornam públicas. Sendo assim, a mídia pode condicionar fortemente as idéias e valores sobre África que são compartilhados pelos grupos sociais (ou diferentes públicos) que compõem a sociedade brasileira.

Estas representações, que entendemos como redutoras, são, provavelmente, resultado de um modelo de comunicação feito a partir de procedimento regular no jornalismo internacional.

Nem tudo o que é notícia aparece no noticiário internacional. O noticiário não constrói um retrato do mundo com determinado grau de exatidão. Muita coisa que será vista no futuro como de capital importância histórica é diariamente deixado de lado. E, ao mesmo tempo, certos temas sem importância histórica nenhuma acabam virando notícia porque interpelam a mitologia de nosso mundo cotidiano. (NATALI, 2007, p.12)

Natali observa que os jornais brasileiros recebem um grande número de textos de agências internacionais de notícias que apresentam grande redundância; muitos deles apenas atualizando as mesmas informações ou meramente ampliando-as sem que se altere o enfoque. Além disto, o jornalismo internacional está concentrado nas mãos de poucas empresas que distribuem globalmente notícias homogeneizadas “desprovidas de diferenciais nacionais ou de pluralidade de enfoque”. (NATALI, 2007, p.48)

Uma vez que a África não é o destino dos jornalistas correspondentes brasileiros no exterior, essa situação pode explicar, também, a ausência de cobertura de muitos aspectos da vida africana, que não se tornam notícia pela ótica do jornalismo feito no Brasil e que poderiam ser do nosso interesse. O que vemos, na maioria dos casos, são matérias produzidas e selecionadas segundo critérios que provavelmente melhor se aplicariam aos interesses da audiência de países de origem das grandes agências de notícias internacionais.

Neste artigo nos detivemos a discutir dados da pesquisa realizada no jornal Folha de S. Paulo. A análise das matérias publicadas nos diferentes cadernos do jornal nos permitiu organizá-las em duas categorias: a) África como um produto a ser explorado. Enfatiza-se aqui a África como local de oportunidades de mercado e negócios vantajosos para o Estado e empresas brasileiras; b) África como *locus* de deficiência política, econômica e social. São apresentadas estatísticas relativas a países africanos explicitando que se encontram em desvantagem com o Brasil em aspectos como educação, saúde e combate à corrupção. c) África como exotismo natural e cultural. A África é apresentada como terra de leões, zebras, feitiçaria, danças eróticas, etc. É relevante observar que no período pesquisado noticiou-se também as viagens do presidente Lula à África e notícias sobre a reforma ortográfica da língua portuguesa, que

aparecem como casos especiais, voltados mais diretamente ao Brasil do que especificamente aos países africanos.

Na primeira categoria, África como um produto a ser explorado, observamos que os países africanos de língua portuguesa aparecem como mercados promissores para o Brasil. Em matéria publicada na Folha de S. Paulo, no dia 18 de agosto de 2006, é divulgado que a empresa Vale do Rio Doce inicia exploração em uma mina de carvão em Moçambique. Com o investimento, a empresa expandirá “as operações de mineração de carvão para aumentar as vendas das matérias-primas usadas pelas siderúrgicas clientes.”

Outra iniciativa para incremento dos negócios entre Brasil e África refere-se a um projeto do BNDES para financiar exportação de tecnologias de usinas de álcool, com o objetivo de criar demanda para o produto nos países africanos.

Cálculos do banco sobre a viabilidade do álcool na África estimam que, com 100 milhões de toneladas de cana, 1,7 milhão de hectares e de 40 a 50 destilarias, é possível gerar 8,5 bilhões de litros, 260 mil empregos diretos e indiretos e uma renda de US\$ 5 bilhões. Os investimentos necessários são da ordem de US\$ 150 milhões por refinaria. (FOLHA DE S. PAULO, 28/10/2007)

A segunda categoria mostra estatísticas dos países africanos pesquisados em comparação com outros países, em áreas como segurança, saúde e qualificação de recursos humanos e tecnológicos. Os fatores citados foram avaliados em matéria veiculada no jornal em 02 de fevereiro de 2007. Em uma lista de 124 países, elaborada pelo Fórum Econômico Mundial, Angola, Burundi e Chade destacam-se como os últimos colocados e Suíça, Áustria e Alemanha como os primeiros.

As estatísticas da África são utilizadas também como parâmetro negativo em termos de educação e desenvolvimento social. A aproximação com os países africanos é considerada pela mídia como fator depreciativo no que se refere, por exemplo, aos índices atingidos pelo Brasil em qualidade de aprendizagem.

Em termos de atraso educacional, o Brasil é comparável a alguns dos países mais pobres do globo. [...] O Brasil saiu-se mal em um indicador-chave da qualidade do aprendizado: a taxa de repetência no nível primário (da primeira à quarta séries do ensino fundamental). Segundo a Unesco, um em cada cinco alunos brasileiros é reprovado nessa etapa crítica do processo de instrução. Até algumas das nações menos desenvolvidas do planeta obtiveram taxas melhores. Na África, a Namíbia, o Senegal e Cabo Verde registraram apenas

A terceira e última categoria, África como exotismo natural e cultural, pode ser comprovada por duas matérias. A primeira foi publicada em 9 de abril de 2006 e consiste em uma entrevista de um guineense que veio estudar enfermagem no Brasil. Em seu depoimento, o estudante discute exatamente como a mídia cria uma representação não condizente com a realidade dos países. Ele afirma que, ao chegar no Brasil, pensou que encontraria pessoas mais brancas, já que era essa a representação do tipo brasileiro presente nas novelas brasileiras veiculadas em Guiné-Bissau. O mesmo acontece com relação a seu país, já que “é preciso convencer as pessoas que em Guiné-Bissau não se vive num eterno safári.”

Percebemos nessa matéria que a crítica apontada pelo estudante não foi suficiente para que o jornal deixasse de ver a África como um local exótico. O fato de a matéria trazer como título “Africano viu leão pela primeira vez no Brasil” mostra que o jornal ainda vê a África como um local habitado por leões, causando surpresa a não proximidade deles com os seus habitantes.

A segunda matéria, divulgada em 30 de maio de 2007, refere-se ao estilo musical angolano Kuduro, que entrou na pauta do jornal por ser uma das atrações do festival Baile Skol, realizado no Rio de Janeiro. A matéria, que poderia ter adotado uma visão mais aprofundada do gênero musical – apresentando suas origens na mestiçagem de estilos musicais dançados pelos africanos mais velhos e o caráter político e contestatório de algumas de suas letras – atém-se ao seu aspecto exótico. Interessa ao jornal falar da sensualidade daqueles que dançam embalados pelo ritmo do Kuduro. Dessa forma, sua coreografia será associada a outras de semelhante caráter sensual, como o funk e o axé brasileiros.

Tomando como base a cobertura feita pelo jornal, podemos perceber que as notícias sobre os países africanos de língua portuguesa não dão maior atenção às especificidades étnicas, sociais, culturais e políticas dos países, como se essas especificidades não existissem. Há uma repetição facilmente identificável de uma imagem de África sedimentada em torno de inexplicável ignorância, considerando-se os inúmeros recursos atuais para a produção de notícias. Ou seja, a informação sobre estes países africanos, embora se acredite ser do interesse da sociedade brasileira constituída

de uma maioria de afrodescendentes e com relevantes afinidades culturais e religiosas, por exemplo, parece ser de pouco interesse para o jornal.

Entre os critérios de noticiabilidade referentes ao conteúdo das matérias publicadas pela Folha de S. Paulo, conforme terminologia adotada por Wolf (2003), encontram-se: a) *impacto sobre a nação e interesse nacional* – relacionados às notícias que definem África como produto a ser explorado; b) *relevância e significatividade do acontecimento em relação aos desenvolvimentos futuros de uma determinada situação* – observados em textos que mostram os países africanos como oportunidades para negócios e confrontados com seus índices de desenvolvimento sócio-econômico com os de países centrais; c) *valor-notícia da proximidade (geográfica e/ou cultural)* – categoria percebida em notícias que mostram convergências de manifestações culturais entre África e Brasil e d) *interesse da história* – o acontecimento é noticiado por sua “capacidade de entretenimento” e de despertar identificação ao relatar situações inusitadas vividas por tipos comuns.

A falta de outros temas divulgados na mídia, tais como aquecimento econômico e redemocratização (Moçambique e Angola, por exemplo) parecem não responder ao critério de interesse nacional, uma vez que se desconsidera a proximidade política, social, cultural e a relevância de acontecimentos em relação aos desenvolvimentos futuros naquelas nações. Uma exceção são as matérias sobre Mia Couto, escritor moçambicano publicado no Brasil, comumente lembrado pela influência que recebe de Guimarães Rosa.

Sobre estes aspectos, ressaltamos a dificuldade da mídia para cobrir África, uma vez que seus países têm pouca infraestrutura para produção de notícias. Contudo, a proximidade cultural com o Brasil, deveria ser um estímulo à superação destas limitações. Nas relações entre o Brasil e os países africanos da comunidade lusófona, estes procedimentos criam problemas de mão-dupla, uma vez que o Brasil é apresentado naqueles países também por uma visão redutora, construída a partir das novelas e de referências ao carnaval, ao futebol e à violência urbana.

Por outro lado, as imagens pessimistas de África veiculadas na mídia brasileira ou aquelas que reduzem países e sociedades a meras oportunidades de mercado são geradoras de preconceitos. Sendo assim, podemos dizer que a mídia pouco contribui

para diminuir uma dada ignorância local sobre os países africanos, suas culturas e valores nacionais.

O embaixador de Cabo Verde, Daniel Pereira, confirma esta visão de que as informações sobre o continente africano disponíveis na mídia brasileira não são exatas, o que, segundo ele, prejudica a auto-estima de afrodescendentes:

Pensar no continente africano apenas como o lugar da fome, da miséria, da AIDS e das guerras internas não só é um ato de ignorância, mas também não contribui para a formação e a estima dos nossos afrodescendentes. [...] Tudo isso – fome, guerras, doenças – é em parte certo, mas a África não é só isso. Cada vez mais o continente constitui-se culturalmente e avança rumo ao desenvolvimento.<sup>2</sup>

Certamente, a observação do embaixador caboverdiano vem sustentar um aspecto relevante levantado por nossa pesquisa, que é o de a mídia brasileira se manter fora da discussão de uma nova realidade que se descortina naquele continente. Ou seja, a de um conjunto de países e de sociedades que compartilham sérios problemas, em sua maioria decorrentes da pobreza, mas que iniciam uma transição que se caracteriza pelo crescimento econômico, pela busca de uma sociedade mais democrática, pelo respeito aos direitos humanos e pelo fortalecimento da sociedade civil. Não encontramos, tampouco, notícias que citam os esforços daqueles países para formularem suas próprias estratégias de redução de pobreza. A relevante produção literária africana e de outras formas artísticas e culturais têm pouco destaque na cobertura midiática, apesar da semelhança das formas de expressão artísticas e culturais entre esses países e o Brasil.

Seria muito simplista supor que estes aspectos da cobertura sobre os países africanos feita pela Folha de S. Paulo devam-se exclusivamente às condições estruturais relativas ao jornalismo internacional, que certamente tornam a cobertura sobre África mais dispendiosa do que a que se faz sobre nações hegemônicas. O comportamento do jornal leva-nos a perguntar a que interesses servem a exposição da África como um lugar em constante desvantagem com relação ao resto mundo, enquanto se mantém na invisibilidade seus movimentos e mudanças em direção à superação de seus próprios dilemas e problemas.

## Referências

AFRICANO vê leão pela primeira vez em zôo no Brasil. *Folha de S.Paulo*, 9 abr.2006

---

<sup>2</sup> PEREIRA, Daniel em entrevista ao Jornal da Ciência da SBPC, em 27 de out. de 2008.



BERGER, Peter; LUCKMAN, Thomas. *A construção social da realidade*. Petrópolis: Vozes, 1985.

BNDES planeja financiar álcool na África. *Folha de S.Paulo*, 28 out. 2007.

EDUCAÇÃO reprovada. *Folha de S.Paulo*, 27 abr.2006.

BRANDÃO, Helena H. Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 2004.

COUTO, Mia. *Pensamentos; textos de opinião*. Lisboa: Editorial Caminho, 2005.

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Paulinas, 1989.

EUROPA se curva ao Kuduro. *Folha de S. Paulo*, 30 maio 2007.

GEERTZ, Clifford. *O saber local, novos ensaios em antropologia interpretativa*. Petrópolis: Vozes, 2000.

GOFFMAN, Erving. *A representação do eu na vida cotidiana*. Petrópolis: Vozes, 1985.

NATALI, João Batista. *Jornalismo Internacional*. São Paulo: Contexto, 2007.

PINTO, Milton José. *Comunicação e discurso*. São Paulo: Hacker, 1999.

VALE investe em mina de US\$ 2 bi em Moçambique. 18 ago. 2006.

WOLF, Mauro. *Teorias das comunicações de massa*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.